

O nome de Gerald Thomas parece já ter se emaranhado, irreversivelmente, em meio a polêmicas lendárias e rixas com a crítica, o público e seus pares na construção do teatro contemporâneo. E talvez não sejam poucos os debates que, por profissão, fará questão de promover em defesa de *Um Circo de Rins e Fígados*, que acaba de começar temporada em São Paulo para chegar ao Rio em agosto. Escrita por Thomas para Marco Nanini, a peça marca mais uma mutação ou começo de uma nova etapa no processo de encenação do diretor, que busca uma solução para "a falência múltipla de órgãos do teatro no mundo todo": "Temos de inventar uma outra maneira de apresentá-lo ao público".

Em suas palavras, *Um Circo de Rins e Fígados* — que está orçada em R\$ 500 mil e conta com 50 pessoas envolvidas direta e indiretamente — é "uma comédia rasgada". Marco Nanini, que interpreta a si mesmo, vive um ator atormentado em um clima de pesadelo. Sonha ter sido operado e acorda com a entrega de caixas com cartas e documentos de um tal João Paradeiro, brasileiro desaparecido desde os atentados de 11 de setembro que descobriu fatos sobre a morte de Juscelino Kubitschek, Carlos Lacerda e João Goulart, além do envolvimento da CIA no Golpe de 64 e na derrubada do presidente chileno Salvador Allende. A descoberta de rins e fígados nas caixas, o aparecimento de policiais e seqüestradores, a internação em um hospital, os diálogos com a esposa e uma bailarina (Fabiana Guglielmetti, atual mulher do encenador) se sucedem em situações absurdamente cômicas até um final — ironicamente ou não — lírico na medida do gosto do espectador.

"Nanini é um ator com quem sempre sonhei em trabalhar. Eu o conhecia no palco há muitos anos, desde *Mão na Lupa* (1985). Na minha peça, posso dizer que reside no Nanini um personagem de certa forma linear. Ele é quase um *stand-up comic*. Ele conversa com o público, que acompanha o tempo todo o personagem. É o próprio Nanini ator. É completamente diferente dos meus espetáculos anteriores, que tinham camadas e camadas de códigos e eruditismos a serem desvendados. Na peça mesmo o Nanini diz: 'Que inferno essas referências!'. Há também referências na peça, mas elas são explica-

das, eu falo de onde elas vêm", diz um novo G.E.R.A.L.D. — Gênese de um Encenador Resoluto em Assumir a Linearidade do Discurso. É que agora ele parte para um teatro com "começo, meio e fim"; em tese, um paradoxo para a trajetória formal do encenador e seu público, que o acompanha há duas décadas.

Não se pode apreender Gerald Thomas numa conversa de duas horas, em que a pronúncia do inglês ou do alemão ganha nele uma acentuação precisa — ou uma flexão um tanto snob para seus detratores. Ou num trajeto de táxi do hotel de Ipanema — em que concedeu entrevista a **BRAVO!** — a uma sala de ensaio no Jardim Botânico, no Rio de Janeiro — passeio que o faz (em contradição a uma tarde ensolarada, mas em sintonia com seu *Getst*) louvar as ruas, as construções, o desenho urbano de São Paulo, "um tributo concretista". Ou mesmo em cinco horas de preparação de luz, conversas com operadores técnicos, marcações de cenas e passagens do texto. Com fama de ser, digamos, um contador de histórias — "essa é a minha profissão", diz —, Thomas tem, em seus 50 anos, vida e profissão divididas em duas triangulações: a primeira, o eixo Brasil—Europa—Nova York; a outra, a complexa relação ele—palco—platéia.

A gestação intelectual de Gerald Thomas começou no Rio, onde em 1954 nasceu, ou acha, já que desconfia de suas origens desde que descobriu pela mãe, aos 28 anos, que seu pai biológico não era o de criação. "Tenho três registros: um no Brasil, um na Alemanha e um outro nos Estados Unidos. Mas eu me sinto brasileiro sem dúvida nenhuma." Esse capricho do acaso fez com que esse "judeu anglo-americano-germano-brasileiro" se tornasse um cidadão do mundo, síntese de três expressões culturais: o Tropicalismo da cidade natal (com a convivência com Hélio Oiticica), o teatro experimental nova-iorquino do La MaMa Experimental Theatre Club nos anos 80 e os delírios visuais das óperas que ainda monta mundo afora.

"Meu primeiro trabalho com o teatro foi com o cenário. No grupo Teatro Aberto, no Rio de Janeiro. Eu tinha 17 anos, estava de passagem pelo Brasil. A peça era *Verbenas de Cena*, com Vera Setta, Ivan Setta, Dudu Continentino. O cenário era uma coisa estranhíssima, um tablado em que cada ponta tinha uma altura diferente. Era uma folha de madeira, com tudo tor-



Nanini e Thomas acertam marcação de cena e passagem de texto: sem as camadas de códigos e os eruditismos das montagens anteriores.

"Existe uma tendência a ver o teatro como um fracasso como arte. Todas as artes no momento estão superando o teatro. É um fenômeno no mundo inteiro"